

## Editorial

TRANSTORNO  
SEM FIM

O metrô não circulou ontem. Desde as primeiras horas da manhã, as composições foram paralisadas, apesar de o Tribunal Regional do Trabalho ter determinado que os funcionários cumprissem uma escala mínima de 80%.

Segundo o sindicato dos trabalhadores no metrô, “80% de funcionamento é quase a escala normal dos trens. Se a gente for cumprir essa decisão, é preferível nem ter paralisação”. Por isso, desafiaram a Justiça.

Ontem, 275 viagens deixaram de ser feitas. Cerca de 215 mil pessoas usuárias do serviço deixaram de ser atendidas. Tiveram de se virar, para cumprir seus compromissos, nos ônibus e em outros meios de transporte.

As gestoras de transporte coletivo reforçaram o número de ônibus nas estações de integração para poder atender o público. O trânsito ficou mais complicado, e o comércio e os serviços sentiram o impacto da paralisação.

Os trabalhadores reclamam um aumento salarial de 10%, mais a inflação de um ano. A CBTU afirma que defende um aumento de 9,28% junto ao Departamento de Coordenação e Controle das Empresas Estatais.

A empregadora tem pouco mais de 1.100 empregados, com salário-base de pouco mais de R\$ 1.300. Mesmo considerando-se a excelência dos serviços prestados, não é um mau salário para os iniciantes na carreira.

No entanto, todos os anos, o metrô para por motivo de greve de seus funcionários. Trata-se de um setor estratégico para a vida da cidade cuja paralisação, antes de coagir o Estado, afeta profundamente o cidadão.

Os governos dos últimos anos têm sido lenientes com as paralisações de serviços públicos, na pressuposição de que o direito de greve, garantido pela Constituição, tem de ser respeitado, seja qual for a reivindicação.

A proliferação de greves nos serviços públicos demonstra, no entanto, que o Estado, como empregador, falha sistematicamente nas negociações com seus trabalhadores, mandando sempre a conta para a sociedade.

## SEMPRE EDITORA LTDA

**FUNDADOR** Vittorio Medioli  
**PRESIDENTE** Laura Medioli  
**VICE-PRESIDENTE** Marina Medioli  
**DIRETOR EXECUTIVO** Heron Guimarães

**GERENTE COMERCIAL**  
Alessandra Soares

**GERENTE DE TECNOLOGIA**  
Fábio A. Santos

**GERENTE INDUSTRIAL**  
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**  
Walmir Prado

**GERENTE DE MARKETING**  
Monique Araki

**GERENTE DE CIRCULAÇÃO**  
Isabel Santos

**EDITORA EXECUTIVA**  
Lúcia Castro

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**  
Michele Borges da Costa

**ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO**  
Murilo Rocha

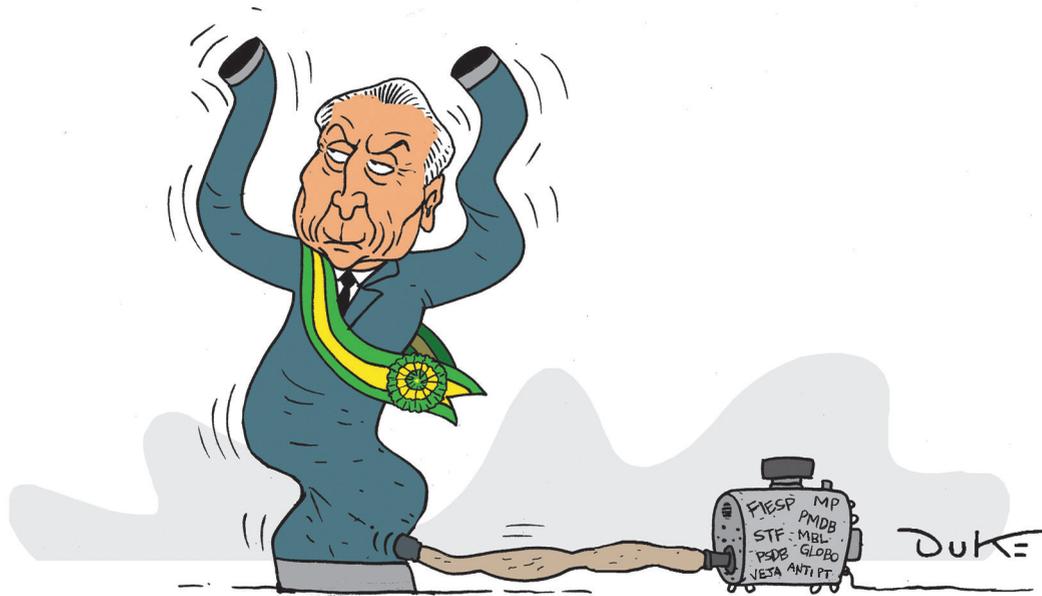
**CHEFE DE REPORTAGEM**  
Renata Nunes

**EDITORES**

Opinião: Victor de Almeida  
Economia: Karlon Aredes  
Magazine: Silvana Mascagna  
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla  
Política: Ricardo Corrêa  
Esportes: Denner Taylor  
Cidades: Marina Schettini  
Primeira: Frederico Duboc  
Fotografia: Rejane Araújo

## O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

É dever democrático: banir a  
perspectiva de um futuro roubado

Alguns autores passaram por situações complicadas

**L**er é um dos maiores prazeres de minha vida. Devo parte substancial do que sou aos livros que li, tanto científicos quanto literários. Estou sempre com livros na mesinha de cabeceira (não durmo sem ler algo!), no carro, na bolsa...

Relembrando o que já fiz para ler – “desde ‘botar’ marido pra dormir, esperar o danado cair nos braços de Morfeu, ligar o abajur e abrir o livro... ai que ‘trepeça’ boa!.. –, não imagino um mundo sem livros de papel. E os prazeres inenarráveis de abrir, folhear e ler um livro? De marcar onde parou, fechá-lo e a fissura de retomar a leitura?” (“Ler é bater pernas pelo mundo com as endorfinas nas alturas”, **O TEMPO**, 1º.11.2012).

Em “Lembranças de uma cozinha e da primeira galinha cheia” (2.12.2008), revelei um pouco de minhas vivências de menina sertaneja que bateu asas e voou, ultrapassando as fronteiras do sertão, e que percorreu o mundo duas vezes, carregando-o no peito. A primeira, por meio da leitura. Ler é bater pernas pelo mundo... A segunda, presencialmente. É muito para quem não nasceu em berço de ouro e não é caixeira-viajante. Eu sei. Mas a medicina legou-me asas (“Ainda saudosa da cozinha no sertão, apesar da trabalheira”, **O TEMPO**, 9.12.2008).

Na semana passada, recomendei “O Futuro Roubado”, de Theo Colborn, Dianne Dumanoski e John Peterson Myers (L&PM Editores, 1997), numa crônica que escrevi pensando em minhas netas Luana e Maria Clara e nos netos Lucas e Inácio, pois já estou quase na prorrogação de minha expectativa de futuro, mas a “netaiada” tem futuro pela frente.

E registrei: “O título ‘O Futuro Roubado’ hoje é mais que um livro. É também um conceito político de resistência aplicável a conjunturas políticas que retiram, usurpam, entram direitos e roubam a cidadania, tornando perenes as assimetrias econômicas, as exclusões e as vulnerabilidades sociais e políticas” (“O Futuro Roubado” é um livro científico que dói na cidadania”, **O TEMPO**, 10.5.2016).

Parênteses para dizer que fiquei impactada com o artigo de Paulo Tedesco “O golpe no mundo do livro”, no qual diz que, “em tempo de golpe político, é bom

... bateu asas e voou, ultrapassando as fronteiras do sertão, e percorreu o mundo. A primeira, por meio da leitura. Ler é bater pernas pelo mundo...

repensar o mundo do livro e dos autores e sua trajetória em períodos repressivos”; e reaviva nossa memória com alguns autores clássicos que passaram por situações complicadas diante de momentos políticos: Dostoiévski, Antonio Gramsci, Graciliano Ramos, Federico Garcia Lorca... (Vermelho, 9.5.2016).

Clarinha, minha neta, mal deitamos, pega um livro e os meus óculos de leitura dizendo: “Vamos ler, num é, vovó?”. Agora que ela está lendo, ainda titubeante, travamos uma peleja para ver quem vai ler. Outro dia ela “me pegou de jeito”.

Nas mãos, meu livro “Então, Deixa Chover”, cuja capa ela venera – uma mulher montada num cavalo com suas duas

filhas e o filho –, indagou como eu o escrevi. Conversa vai, conversa vem, pediu-me que eu contasse a história sem ler o livro!

– Mas, Clarinha...

– Escreveu, não escreveu? Como não sabe contar sem olhar no livro?

Que jeito, né? Falei, falei... “Agora, vó, lê no livro!”. Já cansada, li um trechinho... Cochilava quando, como num sonho, ela retirou cuidadosamente meus óculos, o livro de minhas mãos, verificou meus lençóis, beijou meu rosto num sorrisinho matreiro, se achegou, e dormimos abraçadinhas...

Pela manhã, ainda na cama, disse-me: “Ih, vovó, estou preocupada. Fica lendo, lendo e dorme. Pode quebrar os óculos! Toma cuidado, vó! Depois, como vai escrever no computador as histórias tão bonitas que tua cabeça inventa?”. E rimos. Ô delícia...

Eis um futuro que não podemos permitir que seja roubado!

DUKE

